

# Atos

## A Necessidade Gritante de Bons Líderes (6:3–7)

**A**s viúvas helenistas haviam escapado pelos buracos da rede na igreja de Jerusalém. A repercussão poderia ter sido desastrosa, se os apóstolos não tivessem lidado com a situação de maneira correta. Na lição anterior, observamos como os bons líderes reagem numa crise. Sugerimos que os bons líderes 1) tratam dos problemas imediatamente — com sensibilidade, 2) envolvem a congregação e 3) delegam responsabilidade. Como uma das maiores necessidades da igreja é uma boa liderança, retomemos Atos 6 para ver quais outros princípios da boa liderança são revelados nos versículos 3 a 7.

### BONS LÍDERES COLOCAM AS PESSOAS CERTAS NOS LUGARES CERTOS (6:3)

Embora os bons líderes não tentem fazer todo o trabalho sozinhos, *certificam-se* de que o trabalho está sendo feito — recrutando indivíduos específicos e responsabilizando-os. Um provérbio norte-americano diz: “O que é da conta de todo o mundo não é da conta de ninguém”. Pessoas específicas devem ser colocadas a cargo de tarefas específicas. Os apóstolos orientaram a congregação a escolher homens específicos (num total de sete) para cuidar de uma tarefa específica (servir às mesas).

Isto não quer dizer que qualquer um poderia ser designado para a tarefa. Os escolhidos tinham de estar *qualificados*. Quais qualificações eram

necessárias para os homens que “serviriam às mesas”? Tinham de ser bons cozinheiros? Tinham de ser fortes para carregar os pacotes pesados de suprimentos? Tinham de ter um bom senso de equilíbrio para levar três ou quatro pratos em cada mão, como os garçons profissionais? Obviamente, sabemos que “servir às mesas” *não* tinha a ver com isto. (“Servir às mesas” é uma figura de linguagem referente à *alimentação* posta *nas* mesas diariamente [v. 1].) Gostaria de simplesmente enfatizar que embora a tarefa envolvesse atividade física, as qualificações exigidas eram internas e não externas — não físicas, mas espirituais.

A primeira qualificação era que fossem escolhidos *homens*, não as mulheres. No plano de Deus para Sua igreja os *homens* sempre têm ocupado o lugar de liderança<sup>1</sup>.

A segunda qualificação era que esses homens precisavam ter um coração de *servo*: seriam responsáveis pela “*distribuição* de alimento”; deveriam “*servir* às mesas”. “Servir” é a tradução de *diakonos*, a palavra para “servo” que originou em português “diácono”.

Há anos muita discussão tem se levantado em relação a esses homens serem ou não “os primeiros diáconos”. Boas observações foram feitas por ambos os partidos. Um partido observa que a forma verbal de “diácono” é usada e que, se esses homens não eram diáconos, não temos nenhuma passagem que fale do trabalho específico dos diáconos. O outro partido observa que

<sup>1</sup>Veja os comentários sobre Atos 1:21 na lição “Esperando em Jerusalém”.

esses homens não são descritos como “diáconos”<sup>2</sup>, e que suas qualificações não são as mesmas para os diáconos (1 Timóteo 3:8–13)<sup>3</sup>. Além disso, esse partido questiona se pode haver “o ofício” de diácono sem a instituição de presbíteros (Filipenses 1:1; 1 Timóteo 3:1, 8)<sup>4</sup>. Certamente é melhor pensar na situação de Atos 6 como um caso *especial* — “os doze” (6:2) assistidos pelos “sete” (21:8) — uma solução temporária mais tarde substituída pelo estabelecimento de presbíteros e diáconos (Atos 11:30; 14:23; Filipenses 1:1). Os sete podem ser considerados como *precursores* dos diáconos. Muito *podemos* aprender a respeito do trabalho dos diáconos a partir desta passagem<sup>5</sup>.

Em terceiro lugar, repare que esses servos do sexo masculino precisavam ter certas qualidades *espirituais*. Deveriam ser “de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria”. “De boa reputação” significa que deveriam ser respeitados por todos os segmentos da comunidade (especialmente a comunidade cristã). Era essencial que tivessem boas reputações, pois representariam Jesus e Sua igreja enquanto cumprissem a tarefa. Ninguém deveria receber uma responsabilidade de destaque na igreja, se sua vida não é como deveria ser<sup>6</sup>.

“Cheios do Espírito” significa “sob o controle do Espírito”. Neste contexto, não se refere a possuir habilidades miraculosas<sup>7</sup>. Essa qualificação indicava que o indivíduo havia ganho certa *maturidade* espiritual. Todos os escolhidos receberam o Espírito Santo como um dom no batismo (Atos 2:38). Ouvindo continuamente a Palavra<sup>8</sup> inspirada pelo Espírito e a ela obedecendo, permitiram que o Espírito controlasse suas vidas. Por conta disso, “o fruto do Espírito” foi produzido: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gálatas 5:22, 23)<sup>9</sup>.

“Sabedoria” é a qualificação prática para a tarefa a ser assumida. Cuidar das necessidades de centenas, talvez milhares, exigia homens de bom julgamento e senso comum. Homens confiáveis para que o trabalho fosse feito deviam ser selecionados.

Analisemos novamente essas qualificações: “...de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria”. Em vez de pensarmos nessas qualificações para o “ofício” especial de diáconos, devemos reconhecê-las como qualificações necessárias a todo servo na igreja — pregador, presbítero, diácono, professor, tesoureiro ou faxineiro!<sup>10</sup> Não importa qual seja sua responsabilidade, você precisa de boa reputação; precisa estar crescendo como cristão, permitindo que Deus opere em sua vida; precisa ser uma pessoa de bom senso, que leva a cabo suas responsabilidades com eficiência!

### BONS LÍDERES ENFATIZAM A IMPORTÂNCIA DE DESIGNAR TAREFAS (6:4)

Quando os líderes começam a achar as pessoas certas para determinado trabalho, deixam evidente que a tarefa a ser feita é importante. Às vezes as palavras dos apóstolos — “nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” — são usadas para sugerir que servir às mesas era, de certa forma, uma tarefa inferior. Não era essa a intenção dos doze. O fato de convocarem uma reunião especial da igreja e elaborarem um sistema para a escolha dos sete homens nos diz que a tarefa de servir às mesas era importante aos olhos deles.

A significância de servir alimento aos necessitados e cuidar das viúvas é reforçada por todo o Novo Testamento. No Dia do Juízo, Jesus dirá a alguns: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me

<sup>2</sup>São, sim, chamados de “os sete” (21:8). <sup>3</sup>Por exemplo, família é um aspecto importante da qualificação de um diácono, mas é exigida nenhuma consideração quanto à família para os sete. <sup>4</sup>A palavra grega *diakonos* pode ser usada num sentido *genérico* para referir-se a *qualquer* servo ou num sentido *especial* para referir-se àquele que é reconhecido pela congregação como “diácono”. Veja “Diácono” no Glossário. <sup>5</sup>Além da ênfase no tipo de responsabilidade que um diácono deve aceitar, é uma prática comum incluir as qualificações de 6:3 nas qualificações dos diáconos. As duas listas poderiam então ser consideradas complementares. <sup>6</sup>Não faz diferença a habilidade de uma pessoa em falar, dirigir cânticos, orar, etc.; se os seus talentos não estiverem embasados numa vida consagrada, seus esforços irão de modo geral prejudicar mais a igreja do que ajudá-la. <sup>7</sup>A expressão sugeria habilidades miraculosas quando aplicada aos apóstolos. Até aqui não há registro de que alguém além dos apóstolos realizasse milagres. A indicação é de que Estêvão e Filipe puderam realizar milagres *depois* que os apóstolos lhes impuseram as mãos (veja 8:18). <sup>8</sup>Ouviram a Palavra pregada pelos apóstolos. <sup>9</sup>À primeira vista, apenas três qualificações para os servos são vistas em Atos 6. Mas, como só é possível verificar se um homem é “cheio do Espírito” através da sua vida, isto nos permite acrescentar *mais* nove “qualificações”! <sup>10</sup>Trabalhos e cargos especiais podem ser alistados aqui, se o tempo permitir.

destes de comer; tive sede, e me destes de beber” (Mateus 25:34, 35). Tiago enfatizou que “a religião pura e sem mácula para com o nosso Deus e Pai” começa com o cuidado com “os órfãos e as viúvas nas suas tribulações” (Tiago 1:27).

Na causa de Cristo não há serviços “pequenos” e “grandes”; não há tarefas importantes e sem importância. Jesus disse: “E quem der... *um copo de água fria...* em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão” (Mateus 10:42; grifo meu). Se você está servindo a Deus e a homens, o que você faz é significativo!

É verdade que a oração e o ministério da Palavra são importantes; esses ministérios são essenciais para a salvação de almas. Todavia, precisamos compreender também que “servir às mesas” e responsabilidades semelhantes têm igual importância. Certo domingo preguei para uma congregação em Judsonia, em Arkansas, nos Estados Unidos. Um homem conduzia os cânticos. Outros dirigiam as orações e serviam a ceia. Será que somente aqueles homens e eu tornamos possível aquele culto de adoração? Não. No passado, homens e mulheres foram os responsáveis pela construção do prédio onde estávamos reunidos. Alguém providenciara os assentos em que estávamos acomodados e também os hinários que estávamos usando. Para aquele culto de adoração específico, um cristão havia limpado o prédio, outro preparara a ceia, e ainda outro verificara a água do batistério. Além disso, as ofertas de muitos pagaram as despesas acarretadas por aquele culto, incluindo a eletricidade que nos permitiu ler as Bíblias e os hinários. Aquilo que foi feito “atrás dos bastidores” era tão essencial quanto tudo o que foi feito publicamente.

Se as pessoas entendem o significado da tarefa que lhes foi dada, é mais provável que realizem um bom trabalho e fiquem com ele. Bons líderes certifica-se de que cada um saiba da importância do seu trabalho.

### **BONS LÍDERES DESFRUTAM DA CONFIANÇA E DO APOIO DA CONGREGAÇÃO (6:5)**

A resposta da congregação ao desafio dado

<sup>11</sup>Se, anteriormente você se referiu a 5:7 como “o maior milagre do N.T.”, pode chamar este de “o segundo maior milagre”. É uma brincadeira, mas aponta para um traço importante da relação entre os líderes e a congregação. <sup>12</sup>Esta é a primeira menção de um prosélito na igreja. Provavelmente, alguns foram batizados antes (Atos 2:10, 38, 41), mas esta é a primeira menção de um prosélito que se tornou cristão. Veja “Prosélito” no Glossário. <sup>13</sup>Mais algumas sugestões serão dadas relativas a 14:21–23. Veja os comentários sobre esses versículos na lição “Quantas Coisas Fizera Deus”.

pelos apóstolos tem sido chamada “um dos maiores milagres do Novo Testamento”: “O parecer agradou a toda a comunidade” (v. 5a)!<sup>11</sup> A Bíblia na Linguagem de Hoje diz: “Todos concordaram com a proposta dos apóstolos”! Prego há quarenta anos e jamais ouvi *uma* declaração com a qual todos numa congregação tenham concordado! A sugestão dos apóstolos achou o favor dos vinte ou trinta mil membros. Isto é fantástico!

O que teria acontecido se a opção dos apóstolos *não* tivesse sido aprovada por toda a congregação? Não podemos responder com certeza, uma vez que não sucedeu tal situação. Podemos estar certos de que se a situação já estava mal, ficaria ainda pior. A maioria de nós já vimos (se não experimentamos) a infeliz situação em que os líderes da congregação perdem o respeito dos membros. Quando isso acontece, a tragédia não está longe.

As palavras “agradou a toda a comunidade” devem-se à maneira como os apóstolos lidaram com a questão. Os doze haviam enfrentado uma situação potencialmente bombástica com toda sensibilidade. Haviam expressado sua confiança na congregação, e agora os membros retribuía-mos apoiando-os. É assim que *deve* ser em toda congregação — e *será* quando líderes e membros amarem e respeitarem uns aos outros.

### **BONS LÍDERES APÓIAM OS TRABALHADORES E CONFIAM NELES (6:5, 6)**

Pelo fato de a congregação aprovar a sugestão dos apóstolos, a idéia foi rapidamente executada. “E elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito<sup>12</sup> de Antioquia” (v. 5b). Como a igreja decidiu por esses sete homens? Não foi um concurso de popularidade; pois os apóstolos impuseram requisitos estritos e a congregação aderiu a estes. Além desse detalhe, Lucas não dá nenhum outro quanto à maneira como a escolha foi feita. Quando Deus diz *o que fazer*, às vezes fica ao nosso critério e bom senso a maneira de executar Sua vontade<sup>13</sup>. Foi esse o caso nessa situação.

Dos sete eleitos, o primeiro listado é “Estêvão, homem cheio de fé<sup>14</sup> e do Espírito Santo”. Estêvão é mencionado primeiro porque ele é a personagem principal da última parte deste capítulo e do seguinte. Filipe aparece a seguir por ser a personagem principal do capítulo 8. O Novo Testamento nada mais diz a respeito dos outros cinco — Prócoro<sup>15</sup>, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau<sup>16</sup>, prosélito de Antioquia<sup>17</sup>. De maior importância é o fato de que todos os nomes são gregos. Há grande possibilidade de que isto indique que todos (ou a maioria) os escolhidos fossem judeus helenistas<sup>18</sup>. Neste caso, vemos uma tremenda diplomacia por parte da congregação. “A murmuração viera do segmento da igreja que falava grego; assim também os eleitos para cuidar do trabalho vinham desse grupo a fim de representar seus interesses com justiça”<sup>19</sup>. Com isto, os hebreus<sup>20</sup> estavam, essencialmente, dizendo aos judeus helenistas: “Confiamos em vocês para cuidarem de *nossas* viúvas”<sup>21</sup>.

Depois da congregação ter escolhido os sete, “apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes [os apóstolos<sup>22</sup>], orando, lhes impuseram as mãos” (v. 6). Quando indivíduos são escolhidos para servir, precisam ser “encomendados ao Senhor”<sup>23</sup> com uma cerimônia que imprime em suas mentes a seriedade da tarefa — e que imprime nas mentes daqueles a quem servirão a necessidade de ajudar e apoiar-los. Isto os apóstolos fizeram orando (veja também 14:23) e impon-

do as mãos sobre os sete perante a congregação.

Não sabemos exatamente tudo o que envolvia a cerimônia da imposição de mãos. Mãos eram levantadas sobre as pessoas nos tempos bíblicos por uma variedade de razões: para transmitir uma bênção (Gênesis 48:13–20), para curar (Atos 28:8), para recomendar uma pessoa a uma posição e conferir-lhe autoridade (Números 27:18; Atos 13:3)<sup>24</sup>. Os apóstolos também impuseram as mãos sobre os cristãos para conceder-lhes dons miraculosos (Atos 8:18; 19:6). No caso dos sete, a imposição de mãos pode ter servido para um duplo propósito: destacá-los formalmente para seu novo encargo e dar-lhes habilidades<sup>25</sup> especiais cabíveis às novas responsabilidades<sup>26</sup>. A atitude dos apóstolos dizia o seguinte para os homens escolhidos e para a congregação: “Daremos a estes homens todo o apoio de que precisarem!” Bons líderes expressam seu apoio.

Não somos apóstolos que podem transferir habilidades miraculosas pela imposição de mãos sobre pessoas. Independente de como seja feita a cerimônia em que novos líderes são encomendados ao Senhor, a maneira de fazê-lo vai variar daquela usada pelos apóstolos. Sigamos, então, o exemplo deles no que se refere ao seguinte: 1) dirigir uma oração solene, 2) enfatizar a seriedade da tarefa e 3) expressar nosso apoio aos indicados<sup>27</sup>.

Bons líderes não só expressam seu apoio aos novos trabalhadores; como também *confiam* neles

<sup>14</sup>“Cheio de fé” não fora mencionado especificamente, mas estava implícito nas qualificações. “Cheio de fé e do Espírito Santo” nos informa que ele preenchia as qualificações estabelecidas pelos apóstolos (e, por extensão, os outros seis também). <sup>15</sup>De acordo com a tradição não inspirada, Prócoro foi martirizado em Antioquia. <sup>16</sup>A seita dos nicolaítas (condenada em Apocalipse 2:6, 15) alega ter sido iniciada por esse Nicolau. Provavelmente a seita usou do seu nome para que sua heresia recebesse credibilidade. <sup>17</sup>Como Lucas disse que Nicolau era de Antioquia e não dá informação semelhante a respeito dos outros seis, provavelmente tem algum significado maior. Talvez Lucas estivesse apresentando a Antioquia da Síria, que se tornaria a base da atividade missionária de Paulo. (Também, a tradição não inspirada diz que a cidade natal de Lucas era Antioquia.) <sup>18</sup>Por si só, o fato de todos terem nomes gregos não prova que eram judeus helenistas; alguns dos apóstolos tinham nomes gregos (André, Filipe). Contudo, excetuando Filipe, a maioria dos nomes não eram comuns nem apropriados a um judeu palestino. Esses sete homens provavelmente eram líderes do segmento helenista da igreja em Jerusalém. <sup>19</sup>Lewis Foster, comentários sobre Atos, *The NIV Study Bible* (“A Bíblia de Estudo NVI”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publ. House, 1985, p. 1654. <sup>20</sup>Os hebreus deviam constituir a maioria. <sup>21</sup>É possível que os sete tenham sido escolhidos para cuidar unicamente das viúvas helenistas. O contexto favorece a posição de que foram responsabilizados por toda a tarefa de distribuir os alimentos (que deveria incluir mais pessoas além das viúvas). <sup>22</sup>Existe uma possibilidade de que toda a congregação tenha imposto as mãos sobre eles, mas o termo antecedente de “estes” é “os apóstolos”. <sup>23</sup>Novamente consulte depois as notas a Atos 14:21–23. <sup>24</sup>O termo “impor as mãos sobre” também poderia significar “prender” (4:3). Além disso, impunham-se as mãos sobre animais no Antigo Testamento como um meio de identificação (Levítico 1:4). <sup>25</sup>Pouco tempo depois, Estêvão e Filipe foram descritos como possuindo poderes miraculosos (6:8; 8:6–8). Nada se diz sobre os outros cinco. Se Estêvão e Filipe não receberam os dons miraculosos na hora em que lhes impuseram as mãos como servos especiais da igreja, os apóstolos devem ter feito isto logo depois. <sup>26</sup>Era uma prática comum nas Escrituras um sucessor receber poderes semelhantes ao de seu antecessor para mostrar que Deus estava com ele, assim como estivera com seu antecessor. Talvez os sete tenham recebido dons miraculosos para mostrar que Deus estava com eles, assim como estava com os doze. <sup>27</sup>Nos Estados Unidos, o apoio é às vezes demonstrado com um aperto de mão ou um tapinha nas costas. Muitas vezes encoraja a congregação a demonstrar seu apoio aos novos líderes “pondo a mão” nas mãos deles através de um aperto de mãos ou um tapinha nas costas no final do culto.

para realizarem o trabalho. “Lendo as entrelinhas” dos versículos 6 e 7, sugiro o seguinte: 1) depois de orar e impor as mãos sobre os sete, sem interferir, os apóstolos deixaram que realizassem o trabalho; 2) os sete não tinham que consultar os apóstolos em cada decisão que tomavam sobre o trabalho; 3) os sete *realizaram* o trabalho a eles confiado. Estou convencido de que as duas primeiras afirmações são verdadeiras porque qualquer outro procedimento teria inutilizado o propósito da escolha dos homens; e os apóstolos *teriam* se desviado do ministério da Palavra. E estou convencido de que a terceira afirmação é verdadeira por causa dos resultados positivos relatados no versículo 7.

Saliento esses detalhes porque hoje a escolha de diáconos geralmente *não* deixa os presbíteros livres para se concentrarem no pastoreio do rebanho; os diáconos consultam os presbíteros a cada decisão que tomam<sup>28</sup>. Costumo dizer o seguinte a todos os presbíteros: “Quando os diáconos forem escolhidos, deixem que façam o trabalho! *Confiem* que eles farão o trabalho! Se não puderem confiar neles, não os indiquem. Se traírem sua confiança e falharem na execução do trabalho, indiquem outros em quem *possam* confiar. Dedicuem seu tempo a pastorear o rebanho!”

## CONCLUSÃO

Mais uma vez, Satanás tentara destruir a igreja, e mais uma vez fracassara. A lição passada começava com uma afirmação sobre o crescimento espetacular; esta lição termina com uma afirmação semelhante: “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (v. 7a). Anteriormente, demos uma estimativa do número de membros igual a vinte ou trinta mil; agora “*se multiplicava o*

número de discípulos”. Nem poderíamos supor qual era o total agora! Essa confirmação do crescimento vem acrescida da seguinte nota impressionante: “também muitíssimos *sacerdotes* obedeciam à fé” (v. 7b; grifo meu). É provável que não foram estes os “sumo sacerdotes” que perseguiram os apóstolos (4:23; 5:24), mas, sim, os sacerdotes “comuns” que serviam no templo duas semanas por ano<sup>29</sup>. É uma declaração marcante. Assim como os membros do Sinédrio, os sacerdotes tinham um forte interesse por ensinamentos errados; diferente dos membros do Sinédrio, muitos deles tinham corações sinceros o suficiente para analisar o cristianismo. Por isso “obedeceram à fé”<sup>30</sup> e tornaram-se Cristãos! Que tributo ao poder do evangelho!

O versículo 7 descreve o clímax do crescimento da igreja em Jerusalém. Mostra o que pode acontecer quando uma boa liderança responde positivamente às murmurações de “pessoas que escaparam pelos buracos da rede”! ❖

---

## NOTAS SOBRE RECURSOS VISUAIS

---

Uma das ênfases principais nesta lição e na anterior é que a igreja prosperará quando cada um fizer a sua parte. Se usar esta apresentação em sala de aula, eis aqui uma forma de ilustrar isto: Antes da aula, amarre um feixe de palitos de sorvete ou de churrasco. Durante a aula, peça a alguns alunos que quebrem o feixe ao meio (à medida que cada um fracassar na tentativa, mantenha-o ao seu lado, na frente da classe). Finalmente, desamarre o feixe e dê um palito para cada um desses alunos. Serão capazes de quebrar facilmente cada palito. Quando uma pessoa tenta fazer todo o trabalho sozinha, ela não consegue. Mas se o trabalho for dividido entre muitas pessoas, elas *conseguem* fazê-lo.

<sup>28</sup>Às vezes isso é culpa dos presbíteros, consequência do seu estilo de liderança. Às vezes é culpa dos diáconos; não estão dispostos a assumir a total responsabilidade por suas ações.<sup>29</sup>Estima-se que nesse tempo havia por volta de oito mil sacerdotes e levitas. Alguns desses tinham uma disposição sincera e eram tementes a Deus como Zacarias, pai de João Batista (Lucas 1:5, 6). Há muita especulação quanto aos sacerdotes convertidos continuarem ou não a servir no templo. Não vejo razão para crer que continuaram. Se continuaram, entraram em contradição com o ensino evidente de que “não habita o Altíssimo em casa feita por mãos humanas” (cf. 7:48). Além disso, se continuaram no templo, quando os cristãos fossem dispersos de Jerusalém (8:1-4), teriam de optar por seus trabalhos ou por partir pela causa de Cristo.<sup>30</sup>Esta oração sucinta mostra que as pessoas não se tornavam cristãs simplesmente por crerem em Jesus. *Obediência* era uma parte essencial da resposta. Alguns tentam escapar do impacto disso interpretando a oração como “obediência que consiste em fé”. Mas, o texto original tem “os sacerdotes *obedeciam à fé*”. Quando a palavra “fé” recebe o artigo definido “a” geralmente refere-se ao conjunto de ensinamentos centralizado na fé em Jesus Cristo — em outras palavras, o Novo Testamento (veja Judas 3). Os sacerdotes estavam dispostos a fazer tudo que Jesus exigia — incluindo serem batizados (2:38).